

**FACULDADE CAICOENSE SANTA TERESINHA  
CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

**KLÍCIA ELLEN DOS SANTOS NOGUEIRA**

**A INFLUÊNCIA DO BRINCAR NO PROCESSO DO DESENVOLVIMENTO  
INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO COGNITIVA E  
SOCIOEMOCIONAL DE CRIANÇAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA**

**CAICÓ/RN**

**2025**

KLÍCIA ELLEN DOS SANTOS NOGUEIRA

A INFLUÊNCIA DO BRINCAR NO PROCESSO DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL:  
CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO COGNITIVA E SOCIOEMOCIONAL DE  
CRIANÇAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Monografia apresentada ao Colegiado do Curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade Caicoense Santa Teresinha, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Professor(a) Orientador(a): Areta Muniz de Araújo

CAICÓ/RN

2025

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
Faculdade Caicoense Santa Teresinha  
Biblioteca Profª. Suzana Lago Nobre

N778i NOGUEIRA, Klícia Ellen dos Santos.

A influência do brincar no processo do desenvolvimento infantil: contribuições para a formação cognitiva e socioemocional de crianças na primeira infância. / Klícia Ellen dos Santos Nogueira. – Caicó, RN, 2025.

41 f.

Orientador(a): Profª. Areta Muniz de Araujo.

Monografia (Bacharelado em Psicologia) – Faculdade Caicoense Santa Teresinha. Curso de Graduação em Psicologia.

1. Brincar - Monografia. 2. Desenvolvimento infantil - Monografia. 3. Primeira Infância - Monografia. 4. Cognitivo e Socioemocional - Monografia. I. Nogueira, Klícia Ellen dos Santos. II. Faculdade Caicoense Santa Teresinha. III. Título.

RN/BU/FCST

CDU 159.9

KLÍCIA ELLEN DOS SANTOS NOGUEIRA

A INFLUÊNCIA DO BRINCAR NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL:  
CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO COGNITIVA E SOCIOEMOCIONAL DE  
CRIANÇAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Monografia de graduação apresentada ao Colegiado do Curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade Caicoense Santa Teresinha (FCST), como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Aprovado em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_.

---

Prof.<sup>a</sup> Ma. Areta Muniz de Araújo  
Orientador(a)  
Faculdade Caicoense Santa Teresinha

---

Prof.<sup>a</sup> Dr. Antônio Leonardo Figueiredo Calou  
Faculdade Caicoense Santa Teresinha

---

Prof.<sup>a</sup> Esp. Jaylane Maria de O. Medeiros  
Faculdade Caicoense Santa Teresinha

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me conceder força, inspiração e serenidade em cada etapa desta jornada.

À minha mãe, por ter sido minha maior referência de cuidado e amor, e por ter me permitido viver uma infância plena, tendo grande influência na pessoa e na profissional que venho me tornando. Agradeço ainda, pelo apoio constante, dedicação e investimento no meu futuro.

Ao meu parceiro, sou grata por ajudar a equilibrar minha rotina, pela compreensão, pelo incentivo e pela presença, compartilhando comigo alegrias, desafios e conquistas.

Agradeço também aos meus professores e orientadora, que, com seus ensinamentos, dedicação e sensibilidade, contribuíram para o meu crescimento acadêmico e pessoal, ajudando-me a fortalecer minha identificação com o tema e com o olhar acolhedor sobre o desenvolvimento infantil.

E aos colegas e amigos, pelo incentivo, pelas trocas e por compartilharem comigo o entusiasmo em compreender o universo da infância e suas potencialidades, deixando essa jornada mais leve.

*“Através do brincar, a criança aprende a viver, a compreender e a transformar o mundo.”*

**Jean Piaget**

## RESUMO

Ao longo da história, o brincar teve seu significado profundamente transformado, de uma atividade meramente recreativa e desvalorizada a um elemento central no desenvolvimento infantil. No contexto contemporâneo, observa-se que a urbanização e a crescente presença das tecnologias transformaram as formas de brincar, restringindo os espaços físicos e alterando a natureza das interações infantis. Objetivou-se nesta pesquisa compreender os impactos do brincar no desenvolvimento infantil e as contribuições para a formação cognitiva e socioemocional de crianças na primeira infância. O estudo caracteriza-se como uma pesquisa de revisão de literatura narrativa de abordagem qualitativa, com publicações nacionais e internacionais entre os anos de 2015 e 2025. Os resultados dos achados evidenciaram o desenvolvimento de funções cognitivas fundamentais ocasionadas pelas brincadeiras e as interações durante o brincar, indicando aumento da neuroplasticidade. A pesquisa também revelou que a motivação intrínseca no brincar é essencial para o engajamento infantil e a aprendizagem, sendo a família, participante decisiva nesse processo, facilitando no desenvolvimento integral da criança. Portanto, conclui-se que o brincar representa uma ponte entre o mundo interno e o externo da criança, no qual traduz emoções, desperta curiosidade e promove a construção do conhecimento de maneira prazerosa e significativa. A valorização do brincar, permite o reconhecimento da criança como sujeito ativo, competente e criador de cultura, e o investimento em práticas lúdicas, tanto no ambiente familiar quanto escolar, é uma estratégia essencial para promover o desenvolvimento integral e a saúde mental infantil.

**Palavras-chave:** Brincar; Desenvolvimento infantil; Primeira infância; Cognitivo e Socioemocional.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>2. METODOLOGIA</b> .....	13
<b>3. ENTRE CANTIGAS E TELINHAS: A HISTÓRIA DO BRINCAR AO LONGO DO TEMPO</b> .....	15
<b>3.1 Introdução ao Conceito de Brincar</b> .....	15
<b>3.2 Origens Históricas do Brincar</b> .....	17
<b>3.3 O Brincar e Suas Modificações com o Passar dos Anos</b> .....	18
<b>4. BRINCAR É CRESCER: O PAPEL DO LÚDICO NA FORMAÇÃO COGNITIVA E SOCIOEMOCIONAL</b> .....	21
<b>4.1 Desenvolvimento na Primeira Infância</b> .....	21
<b>4.2 Desenvolvimento Cognitivo e o Brincar</b> .....	22
<b>4.3 Desenvolvimento Socioemocional e o Brincar</b> .....	24
<b>5. REFLEXÕES E ESTRATÉGIAS PARA INCENTIVAR A MOTIVAÇÃO INTRÍNSECA NO BRINCAR INFANTIL</b> .....	27
<b>5.1 Desejo de Brincar: Estratégias para estimular a Motivação intrínseca</b> .....	27
<b>5.2 Do Colo ao Mundo: O papel da família na promoção do brincar motivado</b> .....	29
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	33
<b>7. REFERÊNCIAS</b> .....	35

## 1. INTRODUÇÃO

O brincar é reconhecido como um direito fundamental da criança, conforme estabelecido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), sendo imprescindível para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional. A partir disso, a criança desenvolve competências socioemocionais que vão levar para o decorrer de sua vida, estimulando ainda a inteligência, a criatividade, a aprendizagem, dentre outros aspectos (Brasil, 2023; Brougère, 2021).

O ato de brincar desempenha um papel essencial no desenvolvimento da imaginação, da curiosidade e do pensamento infantil. Ao assumir um papel durante a brincadeira, a criança atribui significado às suas ações e ajusta seu comportamento a determinadas regras. Esse processo contribui para o desenvolvimento, dando-lhes a capacidade de tomar decisões conscientes e das motivações que orientam suas ações. As brincadeiras permitem que a criança se expresse e encontre satisfação, favorecendo seu progresso nos diferentes estágios do desenvolvimento (Vygotsky, 1984).

Para Vygotsky (1991), a brincadeira desempenha um papel central no desenvolvimento infantil ao criar zonas de desenvolvimento proximal<sup>1</sup>, as quais possibilitam avanços qualitativos tanto no aprendizado quanto no desenvolvimento cognitivo. Essa concepção é ampliada por Elkonin (1998), o qual argumenta que, durante a atividade lúdica, há transformações significativas no desenvolvimento psíquico da criança, configurando-se como uma via de mudanças para níveis mais complexos de funcionamento psicológico. Ademais, a brincadeira constitui como um importante meio de apropriação de códigos culturais e de internalização de papéis sociais (Brougère; Wajskop, 1997), favorecendo, assim, para a formação social e simbólica da criança. Dessa forma, ao reconhecer o brincar como um espaço privilegiado de mediação social e de transformação psíquica, torna-se possível compreender que seus efeitos não se restringem à dimensão simbólica ou cultural, pelo contrário, eles se desdobram diretamente nos processos concretos de aprendizagem vivenciados na primeira infância, momento em que a interação lúdica assume um caráter ainda mais determinante para o desenvolvimento da linguagem, do pensamento simbólico e da cognição (Brougère, 2021).

---

<sup>1</sup> Vygotsky (1996) caracteriza a Zona de Desenvolvimento Proximal como a distância entre os níveis de desenvolvimento, que é determinado pela capacidade que a criança tem de resolver de forma independente um problema, ou seja, é a distância entre o que uma pessoa pode fazer sozinha (nível de desenvolvimento real) e o que ela pode fazer com a ajuda de um outro mais experiente ou conhecimento (nível de desenvolvimento potencial).

Na primeira infância, tanto o brincar quanto os processos de aprendizagem caracterizam-se como atividades essencialmente sociais, desempenhando papel fundamental no desenvolvimento da linguagem, do pensamento simbólico e da cognição (Panksepp, 1998). Pesquisas demonstram que, ao interagir com brinquedos, as crianças adotam comportamentos exploratórios análogos aos de cientistas, construindo conhecimento com base na observação e na escuta atenta das pessoas ao seu redor (Pellis *et al.*, 2010). Por volta dos seis anos de idade, inicia-se uma transição no modo de brincar da criança: os jogos simbólicos, até então predominantes, começam a ceder espaço aos jogos de regras, que se estendem até a adolescência. Nessa fase, o símbolo perde seu caráter de distorção lúdica e se torna uma representação cada vez mais fiel da realidade (Piaget; Kishimoto, 1996).

Conforme Vygotsky (1991), toda brincadeira, mesmo a mais simples, possui regras, ainda que implícitas. Para o autor, independentemente da idade ou da natureza da brincadeira, esses dois componentes, a regra e a imaginação, estão sempre presentes. Nesse sentido, Isidro e Almeida (2003) complementam que as regras dos jogos e as brincadeiras estão diretamente relacionadas ao conhecimento que a criança possui da realidade social em que está inserida.

O brincar desempenha um papel essencial no desenvolvimento socioemocional da criança. Para Friedmann (2012), as crianças brincam por múltiplas razões, sendo uma delas o prazer proporcionado pela própria atividade lúdica. Dohme (2002) reforça que, além do prazer, a brincadeira permite à criança expressar agressividade, dominar angústias, ampliar experiências e construir vínculos sociais. De forma complementar, Melo e Valle (2005) afirmam que o brinquedo funciona como um canal de expressão de medos e ansiedades, servindo como válvula de escape emocional.

Apesar de sua importância ser amplamente reconhecida pelos pesquisadores, o brincar ainda é consideravelmente desvalorizado em alguns ambientes escolares e familiares, especialmente onde se prevalece uma ênfase excessiva na antecipação de conteúdos formais e no rendimento acadêmico precoce. Estudos recentes, como o conduzido pela Universidade de Cambridge (2022), publicados em periódicos nacionais e internacionais, apontam que crianças que participam de brincadeiras livres, em grupo e com estrutura adequada apresentam melhores indicadores de saúde mental, maior habilidade para resolver problemas e vínculos sociais mais positivos.

Diante dessas evidências, torna-se ainda mais necessário aprofundar a investigação sobre a influência do brincar no desenvolvimento infantil. Esse tema tem sido amplamente explorado na área da psicologia infantil, especialmente por reconhecer o brincar como um recurso central em intervenções e estratégias terapêuticas. Além de favorecer a aprendizagem,

a atividade lúdica contribui para que a criança construa a percepção de si mesma, desenvolva sua subjetividade e amplie suas possibilidades de socialização.

A crescente inserção de tecnologias no cotidiano infantil e a redução do tempo destinado ao brincar na rotina escolar e familiar tornam essa temática ainda mais relevante para a pesquisa acadêmica. Dessa forma, investigar essa relação não apenas contribui para o avanço do conhecimento na área da educação e do desenvolvimento infantil, mas também pode fundamentar políticas públicas e estratégias que valorizem o lúdico como um elemento essencial na infância.

Dado esse contexto, o tema em questão influencia a autora por diversos fatores de natureza pessoal, acadêmica e social, apresentando uma estreita relação com o objeto de estudo, com interesse pela área infanto/juvenil e por estágios e vivências, além da participação em projetos, os quais proporcionou experiências práticas sobre o desenvolvimento infantil e a importância do brincar nessa fase.

As experiências práticas vivenciadas ressaltam a pertinência de estudos que explorem como o brincar contribui para o processo formativo da criança. Assim, é pertinente questionar: De que maneira o brincar influencia o desenvolvimento integral de crianças na primeira infância e quais são as contribuições observadas nos aspectos cognitivo, emocional e social da criança?

Diante disso, este estudo investigou o brincar em diferentes contextos, fundamentando-se em teorias do desenvolvimento infantil para compreender a relação entre a ludicidade e a construção de habilidades essenciais na infância. A pesquisa foi conduzida por meio de uma revisão bibliográfica de publicações entre 2015 e 2025, com foco em estudos que abordam crianças de 0 a 6 anos. Esse recorte permitiu analisar como o brincar impacta o desenvolvimento infantil nas diferentes fases da primeira infância.

Convém salientar ainda, que o presente estudo tem como objetivo geral compreender os impactos do brincar no desenvolvimento infantil e as contribuições para a formação cognitiva e socioemocional de crianças na primeira infância. Para alcançar esse propósito, estabeleceram-se como objetivos específicos: conhecer o contexto histórico do brincar e suas transformações ao longo do tempo; identificar de que forma o brincar contribui para o desenvolvimento infantil, considerando os aspectos sociais, emocionais e cognitivos; e, por fim, discutir a importância da família no contexto do brincar na primeira infância e sugerir estratégias para incentivar a motivação intrínseca das crianças. Esses objetivos visam fundamentar uma análise aprofundada sobre a importância do brincar como um elemento essencial para o desenvolvimento integral na infância.

O desenvolvimento desta pesquisa possibilitará que os resultados apresentados sirvam como referência para outros pesquisadores que desejem explorar mais detalhadamente sobre o assunto abordado. Com isso, busca-se evidenciar como o brincar pode ser utilizado como estratégia para o desenvolvimento integral da criança, contribuindo para práticas mais eficazes na área da psicologia e para a conscientização da sociedade sobre a importância do brincar como um direito fundamental da infância, garantindo um desenvolvimento saudável.

## 2. METODOLOGIA

O estudo caracteriza-se como uma pesquisa de revisão de literatura narrativa de abordagem qualitativa para sua condução. Essa metodologia se apresenta como uma das principais formas de estruturar os saberes científicos produzidos em uma dada área técnica-discursiva, consolidando papéis pertinentes nas investigações literárias em artigos, dissertações e teses. Diferencia-se, entretanto, do rigor metodológico das revisões sistemáticas, assumindo um caráter mais flexível, ainda que formativo e direcionador (Andrade, 2021).

Para Cesarian *et al.* (2020), as atualizações da revisão narrativa abrangem relevantes possibilidades metodológicas e formativas, especialmente no que se refere ao estado da arte, ou seja, evita que se repitam investigações desnecessárias, abrangendo um conhecimento produzido durante um definido período, tendo uma determinada temática em foco, além de oferecer ao revisor um suporte teórico consolidado e articulado. Segundo Rocha (1999), a possibilidade de estabelecer relações com produções anteriores permite a identificação de temáticas recorrentes, a indicação de novas perspectivas teóricas e práticas.

Dado esse contexto, a revisão narrativa se mostra adequada para este projeto por permitir uma abordagem ampla e interpretativa, contemplando as diversas dimensões do desenvolvimento da criança, cognitiva, social e emocional, sem as limitações impostas por outras metodologias científicas. Permitindo assim, compreender o brincar enquanto fenômeno complexo e multifacetado, além de analisar e propor estratégias que promovam o brincar de maneira equilibrada, reconhecendo sua importância para uma infância com desenvolvimento pleno, destacando a tecnologia atrelada, e o ambiente familiar como sendo precursor dessa formação.

Com relação aos procedimentos e etapas para o desenvolvimento da pesquisa, o máximo de informações acerca da estrutura da Revisão de Literatura Narrativa, fala que a mesma é constituída de: Introdução, Desenvolvimento, Comentários e Referências. No entanto, segundo Rother (2007), a metodologia em questão, não requer, necessariamente, a adoção de etapas metodológicas estruturadas ou padronizadas, permitindo maior flexibilização na condução de análise e organização de conteúdos, devido a modalidade desta revisão ser as contribuições previamente estabelecidas na literatura, de modo a avaliar criticamente e pautar contradições teóricas evidentes, despertando a reflexão às informações desenvolvidas de outros autores.

Estabeleceu-se como recorte temporal o período de 2015 a 2025, revisados por textos na língua portuguesa e língua inglesa, traduzidos através do Google tradutor, garantindo a atualidade e a relevância dos estudos analisados. As buscas foram realizadas em bases de dados

reconhecidas, como o Scientific Electronic Library Online (SciELO), Google Acadêmico e repositórios universitários, no qual durante o processo de levantamento bibliográfico, identificou-se uma razoável produção científica relacionada à temática do brincar.

Para a seleção do material, estabeleceram-se critérios que priorizam pesquisas voltadas, sobretudo, às transformações na forma de brincar, em como o brincar contribui para o desenvolvimento infantil, levando à construção do social, emocional e cognitivo. Tal recorte justifica-se pela relevância de compreender como, ao longo do tempo, o brincar sofreu modificações significativas, o que possivelmente impactou sua função estruturante no desenvolvimento socioemocional da criança.

A pesquisa nas bases de dados foi realizada utilizando as seguintes palavras-chave: brincar e desenvolvimento infantil; importância do brincar; brincar na primeira infância; brincar e desenvolvimento cognitivo; socioemocional infantil; telas e desenvolvimento infantil; família no brincar.

Ao todo, foram selecionados 42 artigos, descartados 15, devido se mostrarem repetitivos, por não cumprirem os critérios da pesquisa. Com isso, os que de fato atenderam aos critérios necessários de base para a construção dos capítulos, foram 27, selecionados por abordarem temáticas específicas que embasam teoricamente os objetivos desta pesquisa.

Com o intuito de construir uma síntese interpretativa e reflexiva a partir dos dados obtidos na revisão bibliográfica, a pesquisa foi organizada em três capítulos, apresentados a seguir: (1) Entre cantigas e telinhas: a história do brincar ao longo do tempo; (2) Brincar é crescer: o papel do lúdico na formação cognitiva e socioemocional; e (3) A criança motivada por si: reflexões e estratégias para incentivar a motivação intrínseca na infância. Essa estrutura busca oferecer uma compreensão progressiva do fenômeno, desde seus fundamentos históricos até suas implicações contemporâneas no desenvolvimento infantil.

### **3. ENTRE CANTIGAS E TELINHAS: A HISTÓRIA DO BRINCAR AO LONGO DO TEMPO**

#### **3.1 Introdução ao conceito de Brincar**

É evidente que, o brincar teve seu conceito e significado alterado no decorrer dos anos, vista como uma atividade meramente recreativa em contextos antigos, sendo muitas vezes desvalorizada pela sociedade. Com o avanço dos estudos nas áreas da psicologia, o brincar, anteriormente visto de forma limitada, passou a ser reconhecido como uma linguagem própria da infância, permitindo à criança imaginar, expressar sentimentos, elaborar experiências e construir conhecimentos (Kishimoto, 2011).

Em algumas sociedades, o brincar é visto como um dos principais marcadores da infância, estando amplamente presente em diferentes contextos culturais. O brincar assume um papel central no desenvolvimento integral da criança, contribuindo de forma significativa para sua formação cognitiva, emocional, social e simbólica. A brincadeira possibilita à criança a vivência do lúdico, a descoberta de si mesma e a apreensão da realidade, promovendo o desenvolvimento de seu potencial criativo (Queiroz, 2006). Nesse sentido, por meio do brincar, a criança constrói conhecimentos sobre si e sobre o mundo ao seu redor, articulando experiências subjetivas e objetivas no processo de constituição de sua identidade e compreensão do meio social.

Para Friedmann, (2012), o brincar constitui-se como uma ação lúdica que pode manifestar-se por meio de jogos, brincadeiras ou outras formas expressivas, com ou sem a utilização de brinquedos, objetos ou materiais estruturados. Essa prática não se limita ao uso de artefatos físicos, sendo também viabilizada através do corpo, da música, da linguagem, da arte e de outras manifestações simbólicas e culturais.

Desde os primeiros anos de vida, o brincar se estabelece como uma dimensão intrínseca às manifestações infantis. A ludicidade emerge no contexto familiar desde o nascimento da criança, prolongando-se posteriormente nas interações estabelecidas com seus pares (Kishimoto, 2002). Inicialmente, a atividade lúdica não se orienta por propósitos educativos ou de aprendizagem formal, ao contrário, sua intencionalidade está no prazer e recreação que proporciona. Tal prática possibilita à criança interagir com os pais, adultos e demais indivíduos de seu convívio, bem como com o ambiente, em um processo marcado pelo retorno e pelas respostas decorrentes dessas interações. Nesse sentido, ao brincar, a criança assimila o mundo a seu modo, desvinculada de compromissos com a realidade objetiva, uma vez que sua relação

com o objeto não se determina pela natureza deste, mas pela função simbólica que a própria criança lhe atribui (Piaget, 1971).

O ato de brincar tem sido compreendido como um processo essencial para a constituição do sujeito, atuando como instrumento de humanização e socialização. Oliveira (2000) destaca que, por meio da brincadeira, a criança aprende a estabelecer vínculos mais duradouros, ao mesmo tempo em que desenvolve habilidades cognitivas e sociais, como raciocinar, julgar, argumentar e buscar consensos, competências fundamentais para a vivência coletiva.

No âmbito das políticas públicas educacionais, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) ressalta a relevância da atividade lúdica como parte constitutiva do processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil. Segundo o documento,

[...] o principal indicador da brincadeira, entre as crianças, é o papel que assumem enquanto brincam. Ao adotar outros papéis na brincadeira, as crianças agem frente à realidade de maneira não literal, transferindo e substituindo suas ações cotidianas pelas ações e características do papel assumido, utilizando-se de objetos substitutos (Brasil, 1998).

Complementando esse entendimento, Zanluchi (2005) enfatiza que a brincadeira se constitui em uma preparação para a vida, pois, ao vivenciar experiências lúdicas, a criança entra em contato com o mundo físico e social, ampliando sua compreensão sobre o funcionamento das coisas e sobre as interações humanas. Nessa perspectiva, o brincar possibilita que a criança se aproxime, ainda que simbolicamente, do universo adulto, demonstrando maturidade diante de situações diversas. Carvalho (1992), ainda afirma que:

(...) desde muito cedo o jogo na vida da criança é de fundamental importância, pois quando ela brinca, explora e manuseia tudo aquilo que está a sua volta, através de esforços físicos e mentais e sem se sentir coagida pelo adulto, começa a ter sentimentos de liberdade, portanto, real valor e atenção às atividades vivenciadas naquele instante (Carvalho, 1992).

Dessa forma, as brincadeiras são um espaço privilegiado de aprendizagem. Nelas, as crianças desenvolvem não apenas habilidades cognitivas, mas também sociais, emocionais e culturais que se estendem para além do contexto lúdico, sendo fundamentais para sua inserção social e para o exercício da cidadania.

### 3.2 Origens Históricas do Brincar

Historicamente, o reconhecimento do brincar enquanto prática fundamental ao desenvolvimento infantil ocorreu de forma tardia, acompanhando o processo de validação da infância como uma etapa distinta da vida. Durante séculos, predominou a concepção de que a criança era apenas um adulto em miniatura, ideia que dificultou a construção de um olhar específico para suas necessidades e formas de expressão. Nesse sentido, demorou muito tempo até que se desse conta de que as crianças não são homens ou mulheres de dimensões reduzidas (Benjamin, 1984).

Na Idade Média, não havia uma diferenciação clara entre infância e vida adulta, de modo que crianças eram inseridas precocemente nas funções sociais, econômicas e culturais da coletividade. Participavam de eventos, vestiam roupas semelhantes às dos adultos e realizavam os mesmos jogos, em um contexto em que não existiam objetos específicos destinados ao brincar infantil (Ariès, 1981). Essa ausência de uma categoria autônoma para a infância evidencia como a fase era compreendida apenas como transição para a maturidade, sem atribuição de um valor próprio.

Com as transformações culturais e econômicas que marcaram a Modernidade, especialmente a partir do século XVIII, a infância começou a ser reconhecida como uma etapa diferenciada da vida. Esse movimento abriu espaço para que o brincar ganhasse novos sentidos. No século XIX, o avanço da industrialização consolidou a produção sistemática de brinquedos, substituindo a manufatura artesanal e fortalecendo o mercado de objetos destinados especificamente às crianças (Brougère, 2021; Kishimoto, 2011). A produção de brinquedos deixou de ser subprodutos de manufaturas diversas e tornou-se parte de um sistema econômico mais amplo, contribuindo para a consolidação do brincar como prática socialmente valorizada.

Autores brasileiros contemporâneos destacam que, ao longo do século XX, a pedagogia e a psicologia do desenvolvimento tiveram papel fundamental na legitimação do brincar como atividade central da infância. No Brasil, estudos recentes ressaltam que o brincar passou a ser entendido como experiência cultural, mediadora das interações sociais e promotora do desenvolvimento global da criança (Kishimoto, 2017; Rocha; Silva, 2020; Wajskop, 2021). Para além da diversão, o brincar passou a ser visto como prática que estrutura aprendizagens, simbolizações e modos de participação infantil na cultura.

Na contemporaneidade, o acesso à escola, aos brinquedos e a espaços de brincadeira é reconhecido como um direito da criança, perspectiva reforçada por políticas públicas e documentos nacionais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Marco Legal da

Primeira Infância. Pesquisas brasileiras recentes destacam que essa legitimação do brincar resulta de um percurso histórico marcado por disputas de sentido de que a infância precisou ser reconhecida como categoria social para que o brincar fosse compreendido como elemento essencial de seu desenvolvimento (Souza; Baron, 2018; Silva; Kramer, 2022; Andrade; Prado, 2023).

Assim, as origens históricas do brincar não se limitam ao surgimento de brinquedos, mas refletem mudanças profundas na forma como a sociedade passou a enxergar a infância e reconhecer esse percurso é fundamental para compreender por que o brincar é hoje considerado não apenas natural, mas necessário à vida infantil.

### **3.3 O Brincar e suas modificações com o passar dos anos**

Entre a penúltima década do século XIX e o início do século XX, as práticas lúdicas infantis eram majoritariamente realizadas em espaços abertos, como campos, ruas, parques e residências de familiares, onde meninos e meninas se reuniam em atividades recreativas coletivas. Contudo, com o processo de urbanização e o crescimento das cidades, esses espaços foram gradativamente reduzidos, somando-se a outros fatores, como a diminuição da taxa de natalidade, o aumento da carga horária laboral e a consequente limitação de tempo e condições para a realização das brincadeiras (Albano, 2012).

Nesse contexto, as instituições escolares assumiram a responsabilidade de oferecer atividades lúdicas e interativas para crianças, sobretudo na faixa etária de 0 a 6 anos, diante das transformações ocorridas nos espaços de socialização. Nos dias atuais, há respaldo na Resolução das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), de 2009, que em seu artigo 4º estabelece:

As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, dentro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e sociedade, produzindo cultura (Brasil, 2009).

Entretanto, verifica-se que a escola tem se configurado, em múltiplas circunstâncias, como o único espaço de convivência e interação social disponível às crianças.

Dado o exposto, foi a partir do século XX que o brincar foi se transformando com a urbanização, a industrialização dos brinquedos e, mais recentemente, com a tecnologia. Hoje, muitas brincadeiras migraram para o ambiente digital, com isso o espaço físico de brincar

diminuiu, mas tal constatação não determina que o brincar tenha perdido valor, no entanto mudou sua forma de ser realizada (Pereira, 2018).

Contemporaneamente, o uso de tecnologias tem se consolidado como uma das principais formas de entretenimento infantil, sendo, em muitos casos, a única alternativa de brincadeira buscada pelas crianças. No entanto, o uso excessivo de telas pode comprometer significativamente o desenvolvimento infantil, ao reduzir o tempo dedicado a experiências essenciais para a aprendizagem, como o brincar livre, a exploração ativa do ambiente e as interações sociais presenciais (Pereira, 2018). Observa-se que, na contemporaneidade, os espaços destinados ao brincar infantil tornaram-se progressivamente mais limitados. Paralelamente, a presença da tecnologia passou a ocupar lugar central no cotidiano das crianças, o que contribuiu para o enfraquecimento e, em muitos casos, para o desaparecimento de diversas brincadeiras tradicionais.

Considerando as habilidades que a criança desenvolve por meio do lúdico, os jogos interativos voltados para a área educacional têm se mostrado importantes aliados no processo de aprendizagem. Esses recursos podem favorecer a coordenação motora fina, estimular a resolução de problemas e até apoiar etapas iniciais da alfabetização (Souza; Cantalice, 2024). Durante a interação com os jogos, as crianças realizam movimentos precisos, enfrentam desafios que promovem o raciocínio lógico e entram em contato com letras e números, o que amplia suas oportunidades de aprendizado.

É relevante destacar que, embora as tecnologias desempenhem um papel significativo no contexto educacional contemporâneo, elas não devem substituir as brincadeiras tradicionais, que permanecem essenciais para o desenvolvimento integral na primeira infância. Nos primeiros seis anos de vida, o envolvimento em atividades lúdicas diversificadas, especialmente aquelas que envolvem movimento, imaginação, interação social e exploração sensorial, contribui para a formação de competências cognitivas, emocionais e sociais, sustentando um desenvolvimento mais completo e equilibrado.

A exposição precoce e excessiva a recursos tecnológicos pode limitar experiências essenciais de exploração do ambiente, como engatinhar, andar ou manipular objetos, uma vez que as telas tendem a captar maior atenção e demandar menor esforço da criança. Esse uso inadequado pode restringir o desenvolvimento de habilidades fundamentais, incluindo percepção espacial, pensamento crítico e coordenação motora fina, ocasionando prejuízos no processo de aprendizagem (Barreto *et al.*, 2023).

Estudos recentes, que trazem como constatação essa evidência, revelam que a exposição precoce e prolongada a dispositivos eletrônicos está associada a um maior risco de atrasos no

desenvolvimento da linguagem, dificuldades na autorregulação emocional e diminuição da capacidade criativa para a resolução de problemas (Almeida, 2021). A carência de interações humanas diretas pode afetar negativamente a aquisição de habilidades cognitivas e socioemocionais, dificultando a adaptação da criança a contextos que exigem atenção sustentada e maior controle comportamental (Lima; Pessoa, 2020).

A sociedade contemporânea incorporou profundamente as tecnologias digitais, produzindo novos modos de viver, comunicar e se relacionar. As crianças que nascem nesse contexto já se encontram imersas em um ambiente midiático dinâmico, no qual a interação com telas, aplicativos e dispositivos é percebida como parte natural da vida cotidiana (Couto, 2013; Ferreira; Nunes, 2019). Dessa forma, as relações sociais presentes na sociedade contemporânea refletem diretamente nas crianças, influenciando os elementos culturais que as cercam e conferindo-lhes maior visibilidade enquanto sujeitos sociais e históricos.

As transformações sociotecnológicas interferem diretamente nas experiências infantis, influenciando seus modos de brincar, aprender e participar do mundo. Pesquisas recentes destacam que as crianças contemporâneas assumem crescente visibilidade como sujeitos sociais e históricos, capazes de produzir cultura e de se apropriar criativamente das tecnologias que as cercam (Rocha; Barbosa, 2020; Sarmiento, 2021). Assim, sua inserção em ambientes digitais não é apenas reflexo da cultura atual, mas parte ativa das mudanças culturais que constituem a infância na atualidade.

Entretanto, mesmo diante dessas transformações, o desenvolvimento infantil exige participação ativa no ambiente real, algo que não pode ser substituído pelas interações exclusivamente digitais. A exploração concreta do mundo, potencializada por brincadeiras, experiências corporais e interações presenciais, é essencial para o desenvolvimento motor, cognitivo, emocional e linguístico. Essa necessidade torna-se ainda mais evidente na primeira infância (0 a 6 anos), período marcado por elevada plasticidade cerebral, em que o cérebro apresenta intensa capacidade de adaptação e reorganização diante dos estímulos vivenciados. É nessa fase que se consolida a integração entre ambiente, corpo e mente, constituindo a base para um desenvolvimento global equilibrado (Abud *et al.*, 2012; Buchweitz, 2016; Kliegman *et al.*, 2018; SBP, 2019).

#### **4. BRINCAR É CRESCER: O PAPEL DO LÚDICO NA FORMAÇÃO COGNITIVA E SOCIOEMOCIONAL**

O período da infância e as primeiras experiências de vida exercem influência decisiva sobre aquilo que o indivíduo se tornará na vida adulta, pois é nesse estágio que a criança começa a construir a compreensão de si mesma, dos outros e do mundo ao seu redor (Portugal, 2009). Nesse contexto, este capítulo busca analisar como as experiências da primeira infância moldam o desenvolvimento humano e a importância do brincar nesse processo, compreendendo o modo como a criança aprende e se desenvolve nessa fase.

##### **4.1 Desenvolvimento na Primeira Infância**

O desenvolvimento humano, conforme destacam Matta (2001) e Papalia *et al.* (2001), constitui um processo dinâmico e interdependente, no qual cada conquista impulsiona transformações subsequentes que impactam o indivíduo como um todo. Um exemplo marcante é a aquisição da linguagem oral. Ao aprender a expressar-se verbalmente, a criança amplia suas possibilidades de comunicação e interação com o meio, favorecendo também avanços emocionais e sociais. Dessa forma, reconhece-se que o crescimento humano possui caráter holístico, articulando dimensões cognitivas, afetivas, sociais e físicas que se influenciam mutuamente.

Essa compreensão torna-se ainda mais evidente quando se observa o desenvolvimento nos primeiros anos de vida. Desde o nascimento, o bebê reage a sons, volta-se para a fonte sonora e coordena percepção e ação de maneira progressivamente integrada. Por volta dos quatro meses, já é capaz de sustentar a atenção em estímulos visuais, táteis e auditivos, ao mesmo tempo em que controla seus movimentos com maior precisão. Nesse período, aprende rapidamente a interpretar e utilizar sinais corporais e expressões faciais como formas de comunicação. Ao longo dos três primeiros anos, esse processo se intensifica: impulsionada pela curiosidade e pela necessidade crescente de se comunicar, a criança vivencia um rápido avanço cognitivo e social (Tavares *et al.*, 2007).

Reconhecer a complexidade do desenvolvimento infantil implica compreender que não existem trajetórias idênticas entre as crianças. Como afirmam Papalia *et al.* (2001), cada criança é semelhante às outras crianças em alguns aspectos, mas é única em outros. Essa singularidade resulta da interação contínua entre fatores hereditários e as experiências vividas no meio social e cultural. Assim, o desenvolvimento deve ser entendido como um fenômeno singular e

contextualizado, refletindo a combinação entre a individualidade biológica e as influências do ambiente físico, histórico e social que cercam a criança.

Essa perspectiva da singularidade se articula diretamente com o papel do brincar no desenvolvimento. Segundo Piaget (2022), o ato de brincar possibilita que a criança assimile novas informações e as organize em sua estrutura cognitiva. Durante a atividade lúdica, ela manipula objetos, explora o ambiente e interage com outras crianças, criando esquemas mentais que sustentam a aprendizagem significativa. Dessa forma, o brincar constitui um mecanismo natural de construção do conhecimento, ou seja, um processo que respeita o ritmo próprio de cada criança e suas particularidades, reafirmando que o desenvolvimento infantil ocorre de modo único, ainda que compartilhado em bases comuns.

A partir disso, é importante destacar que a qualidade de vida na primeira infância exerce influência direta sobre o desenvolvimento futuro, podendo determinar a forma como o indivíduo se constituirá e atuará na sociedade (Piccinin, 2012). Nos estudos que abordam o brincar, observa-se ampla concordância quanto à sua relevância como principal atividade da infância, justamente por favorecer o aprimoramento das habilidades cognitivas, emocionais e das interações sociais (Oliveira, 2015). Dessa forma, a aplicação de atividades lúdicas, em especial o brincar, auxilia no desenvolvimento na primeira infância, sendo um campo cuja necessidade de estudo está em constante progresso.

#### **4.2 Desenvolvimento Cognitivo e o Brincar**

A brincadeira constitui um instrumento fundamental de exploração do mundo real pela criança. Desde cedo, ao assumir diferentes papéis e simular situações do cotidiano, ela experimenta o funcionamento das relações humanas e vivencia atividades que refletem a vida adulta (Fleer, 2013). Por meio dessas experiências, desenvolve habilidades de interação, empatia e cooperação, aprendendo a agir com base em normas sociais e a manejar suas emoções. Além de favorecer o controle emocional, o brincar fortalece os vínculos entre pares e estimula a inserção da criança em comunidades infantis, ampliando sua capacidade comunicativa e o sentimento de pertencimento (Goldstein; Lerner, 2018). Assim, o lúdico contribui não apenas para uma compreensão mais rica da realidade, mas também para a expressão afetiva, podendo até reduzir efeitos negativos associados ao excesso de tempo em frente às telas.

Diversas pesquisas apontam que as brincadeiras também favorecem o desenvolvimento de processos mentais superiores, como a metacognição, a autorregulação e a autonomia.

Durante o ato de brincar, a criança planeja enredos, cria personagens e conduz as ações de forma independente, exercitando sua imaginação e criatividade (Whitebread; O'Sullivan, 2012; King; Howard, 2016; Bredikyte; Hakkarainen, 2023). Nessa dinâmica, ela atua como diretora de suas próprias experiências, elaborando estratégias e tomando decisões que exigem pensamento reflexivo (Veraksa *et al.*, 2023). Tais habilidades de planejamento e controle cognitivo, adquiridas em contextos lúdicos, podem ser aplicadas posteriormente em outras situações da vida, promovendo resolução de problemas e amadurecimento emocional (Ryabkova; Sheina, 2023).

Sob a perspectiva do desenvolvimento cognitivo, Piaget (1999) descreve esse processo como uma construção progressiva do conhecimento, que ocorre em estágios sucessivos e interdependentes. Nos períodos sensório-motor e pré-operacional, predominantes na primeira infância, a criança aprende explorando o ambiente e manipulando objetos, o que lhe permite desenvolver estruturas cognitivas cada vez mais complexas. Tais estágios devem ser entendidos como referenciais flexíveis, uma vez que o ritmo de desenvolvimento varia conforme as experiências individuais (Crespi *et al.*, 2018).

Em complemento, Vygotsky (2007) enfatiza que o desenvolvimento infantil se dá essencialmente por meio da interação social. É nas trocas com o outro e com o ambiente que a criança internaliza significados, constrói o pensamento e amplia sua consciência. Dessa forma, as experiências compartilhadas em casa, na escola e nos espaços comunitários, constituem a base sobre a qual se formam as habilidades cognitivas e socioemocionais (Crespi *et al.*, 2018).

As pesquisas de Neurociências corroboram essa visão ao demonstrar que os períodos críticos do desenvolvimento cerebral ocorrem, sobretudo, na primeira infância. Conforme o National Research Council (2000), essa fase é marcada por elevada plasticidade neural, tornando as experiências precoces especialmente influentes sobre a aprendizagem, o comportamento e a saúde emocional ao longo da vida. Em crianças, brincar geralmente aumenta a curiosidade, o que facilita a memória e o aprendizado. Durante estados de alta curiosidade, resultados de ressonância magnética funcional mostraram atividade aumentada em indivíduos saudáveis no início dos 20 anos no mesencéfalo e no núcleo accumbens, além de conectividade funcional com o hipocampo, o que solidifica as conexões entre motivação intrínseca e aprendizado dependente do hipocampo.

Nesse contexto, a família assume papel central no processo de formação socioemocional. Segundo Petrucci *et al.* (2016), é nas relações familiares que a criança encontra as primeiras referências de afeto, segurança e valores morais. Um ambiente acolhedor e

respeitoso favorece o desenvolvimento de confiança, autonomia e senso crítico, preparando-a para lidar de forma saudável com os desafios sociais.

Em consonância com esse entendimento, a dimensão cultural do brincar também é um aspecto essencial. Visto que, para Portela (2018), o brincar constitui uma das principais linguagens da infância, por permitir à criança situar-se na cultura e internalizar os valores sociais do grupo em que está inserida (Nascimento; Coutinho, 2020). Por meio da atitude lúdica diante do real, ela ressignifica experiências e reconstrói o mundo à sua maneira. Essa influência do brincar, como observa Nascimento e Coutinho (2020), ultrapassa a infância, contribuindo para a formação da percepção de mundo que o indivíduo carregará ao longo da vida. Assim, pode-se compreender que, ao brincar, as crianças experimentam papéis, criam narrativas e se adaptam a diferentes contextos. Aprendem a cooperar, a respeitar a individualidade dos outros e a compreender as regras que regem a convivência. Tais experiências fortalecem o senso de responsabilidade e o pensamento crítico.

Além disso, o brincar contribui para o desenvolvimento da autonomia e da autoeficácia. Atividades lúdicas que envolvem planejamento, resolução de desafios e tomada de decisão, como jogos de tabuleiro e brincadeiras estruturadas, permitem que a criança compreenda a relação entre escolhas e consequências, desenvolvendo confiança em suas próprias habilidades (Kramer, 2021). Também favorecem o aprimoramento de capacidades cognitivas, como concentração, pensamento lógico e coordenação motora. Conforme Piaget (2022), jogos com regras ensinam noções de causa e efeito, enquanto atividades construtivas, como o uso de blocos e quebra-cabeças, estimulam o raciocínio espacial e a organização mental.

Em síntese, o brincar se apresenta como um eixo estruturante do desenvolvimento infantil, integrando dimensões cognitivas, emocionais, sociais e culturais. Ao proporcionar oportunidades de exploração, expressão e criação, ele contribui para que a criança se torne um sujeito autônomo, reflexivo e socialmente participativo, capaz de compreender e transformar o mundo ao seu redor.

### **4.3 Desenvolvimento Socioemocional e o Brincar**

Conforme Carvalho (2016), desde o nascimento, a criança manifesta uma inclinação natural para o lúdico, expressa nas primeiras interações com o meio. O brincar se revela de forma genuína nas trocas iniciais entre mãe e bebê, por meio da entonação da voz, do toque, do olhar e do afeto presente nos cuidados diários, como a amamentação e a troca de fraldas. Essas experiências sensoriais e emocionais inauguram a relação da criança com o mundo, servindo

como base para o desenvolvimento de suas capacidades cognitivas e afetivas. Assim, a infância se configura como uma etapa de descobertas e de imersão em um universo de fantasia, no qual a imaginação e a curiosidade impulsionam o aprendizado.

Durante a primeira infância, esse processo se intensifica. As crianças passam a empregar estratégias cognitivas para regular emoções e impulsos, aprendendo a agir de acordo com padrões sociais e morais. Nesse período, consolidam-se padrões de comportamento e aprendizagem, enquanto fatores socioambientais interagem com a herança genética, influenciando o amadurecimento neurológico (Berk *et al.*, 2006). Estudos indicam que, por volta dos três anos, o cérebro infantil apresenta uma atividade cerca de 2,5 vezes superior à do adulto, o que torna essa fase especialmente propícia ao desenvolvimento global.

Sob essa perspectiva, o desenvolvimento cognitivo é entendido como um processo ativo de aquisição e reorganização de informações, habilidades e atitudes, decorrente da interação entre a criança e o ambiente. Diferentemente das funções biológicas inatas, como a respiração ou a digestão, o aprendizado depende de estímulos externos e de experiências significativas (Oliveira, 2015). Dessa forma, o desenvolvimento infantil ocorre de modo dinâmico, exigindo condições favoráveis à exploração, à curiosidade e à maturação física e cerebral.

Nesse contexto, o brincar se destaca como elemento essencial para a aprendizagem e o equilíbrio socioemocional. Froebel (2021) ressalta que as interações lúdicas favorecem o desenvolvimento da empatia, da comunicação e das relações interpessoais. Nos jogos e nas brincadeiras coletivas, as crianças aprendem a lidar com frustrações, a compartilhar, a negociar e a respeitar regras, experiências que fortalecem o convívio social e a formação de vínculos afetivos.

Além de promover benefícios cognitivos e emocionais, o brincar também possui uma dimensão cultural e social. De acordo com Sarmiento (2021), as brincadeiras refletem os valores, normas e tradições de cada comunidade, permitindo que as crianças conheçam e reinterpretem sua cultura. Ao brincar, elas não apenas reproduzem comportamentos observados, mas também criam formas de expressão, adaptando-se às mudanças sociais e contribuindo para a renovação cultural.

A BNCC (Brasil, 2017) reforça essa visão ao destacar as interações e o brincar como eixos estruturantes da educação infantil. Mais do que meios de aprendizagem, essas experiências constituem finalidades educativas, pois favorecem o desenvolvimento integral e o sentimento de pertencimento. Cabe ao educador, portanto, criar um ambiente acolhedor e inclusivo, no qual todas as crianças se sintam respeitadas e valorizadas.

Na medida que as crianças avançam em direção a maior autonomia, observa-se o fortalecimento de sua capacidade de autorregulação social, tornando-se mais aptas a sustentar a atenção, resolver problemas com eficiência, reduzir impulsividades e manejar situações emocionalmente intensas (Bodrova *et al.*, 2013). Com o aprimoramento das funções executivas, passam a refletir sobre possíveis formas de responder às situações, em vez de reagirem de modo imediatista. Simultaneamente, o desenvolvimento da linguagem e das habilidades simbólicas amplia a complexidade das brincadeiras de faz de conta, incluindo jogos de fantasia, uso de adereços e construção de “fortes”<sup>2</sup>, enquanto atividades como parquinho, pega-pega e esconde-esconde favorecem o desenvolvimento motor. Assim, a brincadeira configura-se como um contexto privilegiado no qual as crianças exercitam a resolução de problemas e a manutenção da atenção, favorecendo o contínuo desenvolvimento das funções executivas (Piaget, 2022).

Nessa mesma direção, Piaget (2022) enfatiza a importância do equilíbrio entre momentos de interação social e reflexão individual. Ao brincar com os pares, a criança compartilha experiências e constrói significados; ao brincar sozinha, reorganiza e internaliza o que aprendeu, fortalecendo suas estruturas cognitivas. Esse processo dialético entre ação e pensamento é o que sustenta o avanço do desenvolvimento intelectual.

Ainda de forma relevante, o brincar também se relaciona à promoção da saúde mental e do bem-estar. Conforme destaca Kishimoto (2022), as atividades lúdicas reduzem o estresse, estimulam o relaxamento e proporcionam prazer, criando condições emocionais favoráveis ao aprendizado. Dessa forma, o brincar transcende o simples entretenimento, constituindo-se como experiência vital para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança, bem como para sua formação integral enquanto sujeito ativo no mundo.

---

<sup>2</sup> Construir fortes é uma brincadeira clássica, usando materiais simples como caixas, almofadas e lençóis para criar cabanas imaginárias. Uma prática que estimula criatividade e coordenação motora.

## 5. REFLEXÕES E ESTRATÉGIAS PARA INCENTIVAR A MOTIVAÇÃO INTRÍNSECA NO BRINCAR INFANTIL

### 5.1 Desejo de Brincar: Estratégias para estimular a motivação intrínseca

É importante começar salientando que, a motivação intrínseca é evidente quando o indivíduo se engaja em uma atividade não com a intenção de recompensas externas, mas pelo interesse e prazer genuíno em realizá-la, aprender ou desenvolver seus potenciais. Com isso, o prazer autêntico, experimentado durante a execução de uma tarefa constitui, por si só, fundamento suficiente para sustentá-la (Carvalho *et al.*, 2021). Dado isso, a motivação intrínseca tende a favorecer maior criatividade e envolvimento naquilo que se faz.

Para Malone e Lepper (1987), a motivação intrínseca surge quando a pessoa se envolve em uma atividade pelo prazer e interesse que ela desperta. Esses autores destacam alguns fatores que ajudam a explicar esse engajamento, como o desafio, o controle, a cooperação e competitividade, a curiosidade e, por fim, o reconhecimento. O desafio aparece quando a criança busca objetivos que fazem sentido para ela e percebe que está progredindo; o controle refere-se à autonomia para escolher o que brincar, como brincar e com quais materiais, o que a faz sentir-se autora de sua própria ação; a cooperação e a competição também influenciam a motivação, seja pelo apoio dos colegas, seja pela comparação saudável entre desempenhos. Já a curiosidade, tanto sensorial quanto cognitiva, estimula a exploração e a descoberta; enquanto o reconhecimento reforça o engajamento quando as conquistas da criança são valorizadas pelos outros. Embora esses fatores tenham sido inicialmente pensados para o contexto corporativo, neste estudo eles foram reinterpretados e aplicados ao universo infantil para apoiar a compreensão dos elementos que favorecem o envolvimento lúdico.

Esses elementos operam como alavancas da motivação intrínseca justamente porque envolvem engajamento voluntário, significado interno e satisfação decorrente da própria atividade, e não simplesmente pela obtenção de recompensas externas, ajudam a explicar por que ambientes educativos ou lúdicos que incorporam metas desafiadoras, liberdade de escolha, colaboração ou competição saudável, além de estímulos curiosos e reconhecimento, tendem a gerar um engajamento mais profundo e sustentável da criança. Deste modo, o desenvolvimento de intervenções que promovam esses elementos contribui para fortalecer a motivação intrínseca e, conseqüentemente, promover aprendizagens ou desempenhos mais significativos.

No contexto da primeira infância, compreender o desejo de brincar como manifestação da motivação intrínseca é essencial, pois essas experiências influenciam não apenas o

envolvimento lúdico, mas também o desenvolvimento motor, cognitivo, emocional e social. Quando a criança brinca motivada internamente, ela se engaja de forma mais profunda, experimenta, cria estratégias, regula emoções e interage com maior autenticidade. Assim, o brincar se torna um espaço privilegiado para que ela exerça sua autonomia, expresse sua identidade e construa aprendizagens significativas.

Reconhecer o papel da motivação intrínseca no brincar é, portanto, fundamental para qualificar práticas educativas e terapêuticas destinadas à infância. Ao favorecer ambientes ricos em possibilidades, acessíveis e responsivos às escolhas da criança, cria-se um cenário em que o desejo de brincar pode emergir de forma espontânea, fortalecendo tanto o bem-estar quanto o desenvolvimento integral. Nesse sentido, algumas estratégias podem ser incorporadas ao cotidiano educativo e terapêutico para potencializar esse processo.

Uma das estratégias mais eficazes para incentivar a motivação intrínseca consiste em oferecer escolhas reais, permitindo que a criança selecione brinquedos, materiais, modos de uso e até a sequência das atividades. Essa autonomia favorece sentimentos de autoria e pertencimento, fatores essenciais para o engajamento espontâneo no brincar. Pesquisas nacionais indicam que as crianças tendem a se envolver mais profundamente quando percebem que têm voz ativa sobre a própria ação (Rocha; Silva, 2020; Carvalho *et al.*, 2021).

De acordo com Souza e Baron (2018), o equilíbrio entre desafio e habilidade também é fundamental, pois atividades muito simples reduzem o interesse, enquanto tarefas excessivamente complexas podem gerar frustração. Propor desafios ajustados à fase de desenvolvimento permite que a criança vivencie conquistas reais, reforçando sua percepção de competência e ampliando a motivação para continuar brincando (Carvalho *et al.*, 2021).

Outra estratégia relevante é a criação de ambientes estimulantes, acessíveis e organizados, que favoreçam a exploração livre. Diversidade de materiais, texturas, objetos do cotidiano e brincadeiras abertas estimulam a curiosidade, um dos principais motores do brincar voluntário. Ambientes planejados com intencionalidade pedagógica e terapêutica ampliam o repertório exploratório e favorecem a construção de sentidos durante a ação lúdica (Kishimoto, 2011; Wajskop, 2021).

As relações de apoio estabelecidas com o adulto também desempenham papel decisivo para o aumento da motivação intrínseca. Interações sensíveis, que acolhem tentativas, encorajam a persistência e valorizam os esforços, e não apenas os resultados, fortalecem a segurança emocional necessária para que a criança explore sem medo e mantenha o interesse pela atividade (Pereira, 2018; Silva; Kramer, 2022).

Estudos brasileiros recentes reforçam que o brincar livre é um dos fatores que mais contribuem para o desenvolvimento global e para o bem-estar infantil (Andrade; Prado, 2023). Com isso, é indispensável garantir tempo e espaço para o brincar espontâneo, sem excessos de direcionamento ou interrupções constantes. Quando a criança tem oportunidade de conduzir a própria brincadeira, desenvolve iniciativa, imaginação e autonomia, elementos centrais da motivação intrínseca.

## **5.2. Do Colo ao Mundo: O papel da família na promoção do brincar motivado**

A aquisição de habilidades por meio do brincar, está intrinsecamente relacionada às práticas culturais dos adultos no ambiente da criança, influenciando os conteúdos e formas das interações lúdicas (Panksepp, 1998). Nesse contexto, Bjorklund e Pellegrini (2000) destacam que as brincadeiras não servem apenas para o momento presente vivido, mas também atuam como ensaios para a vida adulta, possibilitando que a criança experimente diferentes estratégias e formas de interação social.

A família exerce um papel central na promoção de um brincar motivado, pois é no ambiente familiar que a criança encontra seus primeiros interlocutores, modelos de interação e suporte emocional. O brincar em família não apenas fortalece os vínculos afetivos, mas também estimula a curiosidade, a autonomia e a iniciativa da criança. Por meio das brincadeiras compartilhadas, os pais e cuidadores legitimam a ludicidade como parte integrante da vida infantil, contribuindo para que o brincar emergente seja intrinsecamente motivado (Freitas *et al.*, 2023; Manzi; Simões, 2025).

As crianças constroem seu aprendizado por meio das relações que estabelecem com o ambiente em que vivem, absorvendo costumes e valores transmitidos pela cultura que as cerca. Segundo Craidy e Kaercher (2001), elas não atuam de forma passiva diante das informações e orientações recebidas de adultos ou de outras crianças, ao contrário, essa troca ocorre de maneira simultânea e integrada, favorecendo o desenvolvimento de diversas habilidades, como a linguagem e o raciocínio. Assim, ao ensinar uma brincadeira, o adulto compartilha também uma forma de compreender o cotidiano diário, integrando a criança ao social e cultural.

Importante abordar ainda que, o brincar configura-se como uma oportunidade privilegiada para que pais e cuidadores interajam com seus filhos, permitindo-lhes observar e interpretar manifestações do comportamento não verbal, participar das trocas sociais e compartilhar experiências de alegria. Quando os adultos valorizam a atividade lúdica, engajam-se ativamente nas brincadeiras e disponibilizam tempo e ambiente favoráveis para sua

realização, contribuem para o estabelecimento de vínculos afetivos consistentes e para o fortalecimento da segurança emocional da criança. Em contraste, a falta de estímulos adequados, a predominância de atividades excessivamente dirigidas e o uso indiscriminado de tecnologias tendem a restringir a criatividade e a qualidade das interações, comprometendo aspectos essenciais do desenvolvimento cognitivo e socioemocional.

A participação familiar no brincar funciona como uma ferramenta de mediação sociocognitiva. Quando os adultos acompanham, mas não impõem regras rígidas, permitindo que a criança decida como brincar, com quais brinquedos e por quanto tempo, eles favorecem a construção de ambientes responsivos às escolhas infantis, e isso reforça o sentimento de agência da criança e valoriza sua autorregulação, aumentando a motivação interna para brincar (Costa *et al.*, 2020).

Por outro lado, pesquisas apontam que a falta de tempo, o uso intenso de dispositivos eletrônicos pelos pais e a baixa valorização social da brincadeira livre são barreiras comuns para o brincar familiar (Freitas *et al.*, 2023). Quando a família prioriza rotinas muito estruturadas ou intervém excessivamente nas brincadeiras, a espontaneidade e a liberdade da criança ficam mais limitadas, o que pode reduzir seu desejo natural de brincar (Manzi; Simões, 2025).

Em vista que, houve um aumento significativo do uso de dispositivos digitais pelas crianças, torna-se ainda mais necessário analisar o papel da família na mediação do brincar. Nesse sentido, compreender como os adultos influenciam, orientam e complementam o cotidiano lúdico das crianças é fundamental para equilibrar o tempo destinado às tecnologias com práticas interacionais próprias da infância, além de dedicar um momento para promoção da brincadeira. Considerando isso, o papel da família durante a infância, enquanto núcleo primordial das interações sociais, afetivas e emocionais, torna-se fundamental para compreender a forma como o brincar se constitui no cotidiano.

O fortalecimento familiar e as práticas educativas envolvendo as crianças representam elementos de muita relevância na formação infantil e na estrutura da família (Naves; Vasconcelos, 2013). No cotidiano, a criança tende a vivenciar a brincadeira de modo espontâneo, seja nas refeições, no banho ou nas tarefas rotineiras e, em muitas situações, o cuidador atua como facilitador dessas experiências lúdicas.

A disponibilidade dos adultos para se envolverem nesse processo, entretanto, sofre influência direta de variáveis como a carga horária de trabalho e o cansaço decorrente das atividades diárias. Lima (2011) destaca que tais fatores podem reduzir o tempo e a energia destinados às brincadeiras tradicionais, favorecendo relações mais individualizadas e, por

vezes, fragilizadas. Acrescenta-se que, em nossa perspectiva, características próprias da dinâmica urbana também exercem papel relevante, a falta de tempo e dedicação à estimulação dos filhos é consequência dos interesses capitalistas que moldam desigualdades, tornando uma rotina com crianças sem oportunidades até mesmo do brincar, ou sem contato expressivo com pais e, assim, repercutindo na qualidade das interações entre pais e filhos.

Dessa forma, valores e práticas culturais relacionados ao brincar, que historicamente se sustentavam na interação direta entre adultos e crianças, sofreram rupturas significativas (Pontes; Magalhães, 2002; Carvalho *et al.*, 2021). Considerando que os adultos desempenham papel essencial na transmissão dos jogos tradicionais e na mediação das aprendizagens (Lima, 2011), esse afastamento favorece que as tecnologias digitais se consolidem como principal fonte de entretenimento no tempo livre infantil. Esse fenômeno reforça a compreensão de que a motivação intrínseca da criança é fortemente influenciada pelas oportunidades e estímulos promovidos pelo adulto.

Além desses aspectos, evidencia-se que fatores sociodemográficos e psicológicos dos pais também modulam suas percepções e práticas relacionadas ao brincar. Estudos indicam que quando os pais possuem escolaridade, há mais propensão nas atitudes positivas diante das brincadeiras e menor centralidade na preparação acadêmica precoce (Fogle; Mendez, 2006; Rose; Elicker, 2008; LaForett; Mendez, 2016), ou seja, existe maior importância para os momentos de brincadeiras. Do mesmo modo, o conhecimento sobre desenvolvimento infantil e a autoeficácia parental influenciam o tipo de engajamento dos adultos com seus filhos (McMillin *et al.*, 2015; LaForett, Mendez, 2016).

Mantendo correlação, LaForett e Mendez (2016) demonstram que níveis mais baixos de autoeficácia se associam à preferência por atividades acadêmicas em detrimento do brincar, enquanto McMillin *et al.* (2015), verificaram que mães com menor conhecimento acerca do desenvolvimento infantil tendem a pressionar interações mais estruturadas durante a brincadeira. Esses aspectos, somados às dificuldades cotidianas, como a falta de tempo, prejudicam tanto a percepção dos pais sobre a importância do brincar quanto o tempo efetivamente dedicado a essas atividades, trazendo impactos para a construção do brincar e conseqüentemente para a criança (Shah *et al.*, 2019). Assim, pressupõe-se que pais com maior repertório de conhecimentos, elevada autoeficácia e disponibilidade em seu tempo, tendem a reconhecer o brincar como uma via legítima de aprendizagem.

À luz desses elementos, reafirma-se que o brincar constitui um direito fundamental, um recurso vital e ferramenta estruturante do desenvolvimento infantil. É por meio da brincadeira que a criança organiza seu pensamento, expressa emoções, comunica-se e constrói formas de

se relacionar com o mundo. Portanto, assegurar oportunidades de brincar é garantir que a infância se realize em sua essência, permeada por imaginação, afeto e experiências de aprendizagem significativas. Desse modo, compreende-se que o brincar não apenas influencia o desenvolvimento infantil, mas o sustenta em sua integralidade.

Para favorecer a motivação intrínseca da criança nesse contexto, é necessário criar condições que incentivem o desejo espontâneo de brincar. A família, como principal mediadora das primeiras experiências lúdicas, desempenha papel central nesse processo, e pode adotar estratégias específicas, tais como:

- Criar espaços e momentos dedicados ao brincar livre, reservar tempos regulares sem compromisso, nos quais a criança possa explorar diferentes atividades e materiais, garantindo liberdade de escolha (Costa *et al.*, 2020).
- Oferecer brinquedos variados e acessíveis, disponibilizar objetos simples, criativos e de diferentes materiais, estimulando a imaginação, a manipulação e o protagonismo infantil (Freitas *et al.*, 2023).
- Valorizar a expressão simbólica e a criatividade, participar de brincadeiras de faz-de-conta, dramatizações ou histórias imaginárias, respeitando as ideias e invenções da criança (Manzi; Simões, 2025).
- Elogiar o envolvimento espontâneo da criança, reconhecer quando ela inicia ou mantém a brincadeira por si mesma, reforçando seu interesse genuíno e fortalecendo a autoestima e a autonomia (Costa *et al.*, 2020).
- Estabelecer limites flexíveis, guiar a criança de maneira positiva, garantindo segurança, mas sem controlar de forma rígida suas escolhas ou movimentos durante a brincadeira (Freitas *et al.*, 2023).

Por meio dessas práticas, a família atua como facilitadora de um brincar motivado, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e motor da criança, além de fortalecer vínculos afetivos e favorecer o bem-estar geral (Costa *et al.*, 2020; Manzi; Simões, 2025).

Em síntese, compreender e incentivar a motivação intrínseca no brincar significa reconhecer a criança como sujeito ativo, competente e capaz de conduzir suas próprias descobertas. Quando família, escola e profissionais passam a valorizar o brincar livre, a autonomia nas escolhas, a curiosidade e o envolvimento genuíno, criam-se condições para que a infância se desenvolva em sua plenitude. Assim, o brincar deixa de ser apenas uma atividade cotidiana e se torna um processo formativo, estruturante e essencial, capaz de sustentar vínculos, promover bem-estar e favorecer aprendizagens duradouras.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, buscou-se compreender a influência e os impactos que o brincar tem sobre o desenvolvimento infantil, reconhecendo como uma dimensão fundamental da infância e um processo que acompanha a evolução histórica, social, emocional e cognitiva da criança. A brincadeira, embora seja uma atividade inerente à infância, passou por significativas modificações ao longo dos anos, e conforme exposto ao longo da pesquisa, os avanços tecnológicos, as transformações nos espaços urbanos, o ambiente e as novas formas de interação social, passaram a alterar a maneira como as crianças brincam, e em muitos contextos e povos, foram precursores da diminuição do brincar livre e simbólico. Levando, a questionar tais mudanças, mas trazendo fundamento da importância de reforçar, de resgatar e valorizar o brincar com uma experiência genuinamente humana, permanecendo como um elemento estruturante do desenvolvimento.

A partir disso, no decorrer do levantamento teórico bibliográfico, foi trazido reflexões importantes do desenvolvimento na primeira infância, sendo interessante a recapitulação. A análise teórica e histórica apresentada ao longo deste trabalho revelou que, durante séculos, o brincar foi visto apenas como distração ou perda de tempo, somente com o avanço das ciências, em especial da psicologia, o brincar passou a ser reconhecido como uma prática indispensável ao desenvolvimento infantil.

Em relação ao desenvolvimento cognitivo, o brincar se mostra um potencial meio de estimulação e aprendizado. Através das brincadeiras, as crianças experimentam, formulam hipóteses, testam soluções e criam estratégias mentais para lidar com diferentes desafios. Essa exploração livre e criativa estimula o raciocínio lógico, a concentração, a linguagem, habilidades que se tornam base para aprendizagens mais complexas. Ainda, o pensamento simbólico e as funções executivas, são aprimoradas durante a interação lúdica.

Sob a perspectiva socioemocional, o brincar exerce papel igualmente essencial. Devido a essa interação, a criança aprende a lidar com seu emocional, a expressar sentimentos e a compreender as regras da convivência, dado como exemplo desses momentos, há as brincadeiras de faz de conta, essas atividades simbólicas ensinam cooperação, empatia e respeito. Ainda, durante a pesquisa, aborda o brincar como estímulo ao autoconhecimento e o controle emocional, por permitir que a criança aprenda a regular impulsos e a compreender a perspectiva do outro. Tais competências socioemocionais são indispensáveis para o desenvolvimento saudável de relações interpessoais.

Observou-se também que as transformações sociais e tecnológicas alteraram significativamente as formas de brincar. A urbanização, a redução dos espaços livres e o aumento do tempo diante das telas impactaram diretamente o tempo e a qualidade das experiências lúdicas infantis. No entanto, tais mudanças não anulam a importância do brincar, mas ressaltam a necessidade de repensar práticas e contextos que garantam à criança o direito de vivenciar o lúdico em sua plenitude. Trazendo a responsabilidade do papel de preservar o espaço e tempo do brincar, à família e à escola, reconhecendo-o como dimensão educativa e formativa, essencial para o desenvolvimento equilibrado.

A motivação intrínseca, é algo primordial por impulsionar a criança a brincar espontaneamente. A brincadeira por prazer, curiosidade e interesse natural promove o engajamento ativo e a aprendizagem autônoma, e quando essa motivação é sustentada por um ambiente familiar acolhedor e estimulante, favorece prazer pela descoberta. Nesse sentido, a família exerce influência determinante como mediadora das experiências lúdicas. Por essa perspectiva, revela-se os seguintes questionamentos para serem refletidos: Será que, de fato, as famílias têm proporcionado um ambiente favorável ao desenvolvimento integral da criança? Os cuidadores compreendem a relevância de suas práticas cotidianas na construção da autonomia, da autorregulação e das competências socioemocionais infantis?

Cumprido destacar ainda, que a monografia, apesar de ter alcançado seus objetivos da pesquisa, foi construída com grande dificuldade, devido a limitação de artigos atualizados e a predominância de análises da literatura superficiais. Por se tratar de uma revisão narrativa, não foi possível contemplar todos os estudos existentes sobre o tema, o que significa que nem toda a produção científica relacionada ao assunto foi analisada. Outro ponto importante relacionado à metodologia, é o fato de que o trabalho se baseou apenas em materiais já publicados, não contando com dados práticos ou observações diretas, o que limita a aplicação dos resultados à realidade concreta.

Apesar das limitações apresentadas, essa pesquisa mostra-se relevante tanto para a prática profissional, para pesquisas futuras, quanto também para pais e responsáveis, destacando a importância de olhar com mais atenção para as brincadeiras do cotidiano da criança e compreender o quanto elas são fundamentais para o desenvolvimento infantil. Os achados contribuem para uma atuação mais sensível às necessidades da criança, reforçando o brincar como base da infância.

Diante do exposto, é possível afirmar que o brincar representa uma ponte entre o mundo interno e o externo da criança. Ele traduz emoções, desperta curiosidade e promove a construção do conhecimento de maneira prazerosa e significativa, valorizando o brincar se reconhece a

criança como sujeito ativo, competente e criador de cultura. O investimento em práticas lúdicas, tanto no ambiente familiar quanto escolar, é uma estratégia essencial para promover o desenvolvimento integral e a saúde mental infantil.

## 7. REFERÊNCIAS

- ABUD, L.; LUCHESE, R.; ZIMMERMANN, E. O brincar e o desenvolvimento infantil: perspectivas da neurociência. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, 2012.
- ALBANO, C. **Infância, cidade e brincadeiras: um olhar histórico e contemporâneo**. São Paulo: Cortez, 2012.
- ALMEIDA, C. R. Os impactos dos dispositivos eletrônicos no comportamento e desenvolvimento cognitivo na primeira infância: uma perspectiva pós-pandemia. **Revista F&T**, 2021.
- ANDRADE, D. F.; PRADO, P. D. A criança e o brincar na contemporaneidade: perspectivas culturais e educacionais. **Revista Brasileira de Estudos da Infância**, 8(1), 1–15, 2023.
- ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 2021.
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BARRETO, A. *et al.* Efeitos da tecnologia no desenvolvimento infantil: revisão integrativa. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, 2023.
- BENJAMIN, W. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Duas Cidades, 1984.
- BERK, L.; MANN, T.; OGAN, A. **Development through the lifespan**. Boston: Allyn & Bacon, 2006.
- BJORKLUND, D. F.; PELLEGRINI, A. D. Child development and evolutionary psychology. **Child Development**, v. 71, n. 6, p. 1687–1708, 2000.
- BODROVA, E.; GERMERTH, C.; LEONG, D. J. Brincar e autorregulação: lições de Vygotsky. **American Journal of Play**, v. 6, n. 1, p. 111–123, 2013.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)**. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Atualizado até 2023. Brasília: Senado Federal, 2023.
- BRASIL. **Marco Legal da Primeira Infância**. Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Brasília: MEC, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI**. Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Brasília: MEC, 2009.

- BREDIKYTE, M.; HAKKARAINEN, P. Pretend play as the space for development of self-regulation: cultural-historical perspective. **Frontiers in Psychology**, v. 14, 2023.
- BROUGÈRE, G.; WAJSKOP, G. **Brinquedo e cultura** (2.<sup>a</sup> ed.). São Paulo: Cortez, 1997.
- BROUGÈRE, G. **Brincar e cultura**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2021.
- BUCHWEITZ, A. Neurodesenvolvimento e aprendizagem: contribuições das neurociências. **Revista de Educação e Pesquisa em Psicologia**, 2016.
- CARVALHO, A. M. A. **A importância do jogo na vida da criança**. São Paulo: Cortez, 1992.
- CARVALHO, M. A ludicidade e o desenvolvimento infantil: um olhar para a educação. **Revista Brasileira de Educação e Cultura**, 2016.
- CARVALHO, M. O. P. *et. al.* A importância da ludicidade: aprendizagem significativa nos espaços não escolares. **Ensino em Perspectivas**, 2(4), 1-8, 2021.
- CESARIAN, L. *et al.* Revisão narrativa: fundamentos e aplicações. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 44, n. 1, p. e044, 2020.
- COSTA, M. C. A. *et. al.* O lúdico na Educação Infantil: jogar, brincar, uma forma de educar. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v. 5, n. 8, 2020.
- COUTO, E. S. Crianças, cultura digital e o brincar na contemporaneidade. **Revista Educação e Pesquisa**, 2013.
- CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. P. S. **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.
- CRESPI, S.; NORO, R.; NÓBILE, R. Desenvolvimento cognitivo na primeira infância: uma abordagem piagetiana e sociocultural. **Revista Psicologia e Educação**, 2018.
- DOHME, M. **Brincar é coisa séria**. São Paulo: Papyrus, 2002.
- ELKONIN, D. B. **Psicologia do jogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- FERREIRA, G. M. S.; NUNES, C. R. Crianças, tecnologias digitais e cultura contemporânea: perspectivas sobre usos e apropriações. **Revista Brasileira de Estudos da Infância**, 4(2), 112–126, 2019.
- FLEER, M. **Theorising play in the early years**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- FOGLE, L. M.; MENDEZ, J. L. Assessing the play beliefs of African-American mothers with preschool children. **Early Childhood Research Quarterly**, 21(4), 507–518, 2006.
- FREITAS, A. R. M.; NUNES, L.; MACHADO, G. M. A. Importância do brincar no contexto familiar: revisão sistemática da literatura. **Revista Psicologia & Saberes**, v. 14, n. 3, 2023.
- FRIEDMANN, A. **Brincar: crescer e aprender**. São Paulo: Moderna, 2012.
- FROEBEL, F. **A educação do homem**. São Paulo: Martins Fontes, 2021.

- GOLDSTEIN, J.; LERNER, R. **Play in development: evolution and perspectives**. New York: Oxford University Press, 2018.
- ISIDRO, M. A.; ALMEIDA, L. R. **Jogos e brincadeiras: uma proposta para a educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2003.
- KING, P.; HOWARD, J. Free play and children's development: a review of the evidence. **International Journal of Play**, v. 5, n. 3, p. 238–250, 2016.
- KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2011.
- KISHIMOTO, T. M. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira, 2002.
- KISHIMOTO, T. M. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. São Paulo: Cortez, 2017.
- KISHIMOTO, T. M. **Tratado da brinquedoteca hospitalar: humanização, teoria e prática**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2022.
- KLIEGMAN, R. M. *et. al.* **Nelson Tratado de Pediatria** (Nelson Textbook of Pediatrics), 20.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Elsevier Brasil, 2018.
- KRAMER, S. Brincar e autonomia na infância. **Revista de Educação e Ludicidade**, 2021.
- LAFORETT, D. R.; MENDEZ, J. L. Play beliefs and responsive parenting among low-income mothers of preschoolers in the United States. **Early Child Development and Care**, 187(8), 1359-1371, 2016.
- LIMA, Aparecida. O desenvolvimento da estrutura da ação lúdica na primeira infância. **Revista Teoria e Prática da Educação**, v. 14, n. 1, p. 65-78, jan./abr. 2011.
- LIMA, S. G.; PESSOA, M. B. **Jogos e brincadeiras na educação infantil: a importância da ludicidade no processo de desenvolvimento da criança**. 2020. 22 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) — Universidade Federal de Alagoas, Maceió.
- MALONE, T. W.; LEPPER, M. R. Making learning fun: A taxonomy of intrinsic motivations for learning. Em R. E. Snow & M. J. Farr (Eds.), **Aptitude, Learning, and Instruction**. Vol. 3: Conative and Affective Process Analyses (pp. 223–253). (1987).
- MANZI, M. G. D. S. L.; SIMÕES, P. M. U. **Concepções das professoras e familiares de crianças da Educação Infantil sobre a dimensão lúdica na infância**. *Periferia*, v. 22, n. 1, 2025.
- MATTA, C. **Desenvolvimento humano e aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2001.
- MCMILLIN, S. E. *et. al.* Knowledge of child development as a predictor of mother-child play interactions. **Clinical Pediatrics (Philadelphia)**, 54(11), 1117–1119. 2015.
- MELO, E. M.; VALLE, L. A. **Brincar e aprender: o lúdico na educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2005.

- NASCIMENTO, R.; COUTINHO, C. (orgs.). **Infância, cultura e educação: olhares contemporâneos**. Recife: UFPE, 2020.
- NATIONAL RESEARCH COUNCIL. **From neurons to neighborhoods: the science of early childhood development**. Washington, DC: National Academy Press, 2000.
- NAVES, A. R. C. X.; VASCONCELOS, L. A. Análise de interações familiares: um estudo de caso. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 29(2), 149-158. 2013.
- OLIVEIRA, M. K. A construção do conhecimento e o brincar. **Revista Psicologia da Educação**, 2000.
- OLIVEIRA, M. K. Brincadeira e desenvolvimento na primeira infância. **Revista Psicopedagogia**, 2015.
- PANKSEPP, J. **Neurociência afetiva: os fundamentos das emoções humanas e animais**. Nova York: Oxford University Press, 1998.
- PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- PELLIS, S. M.; PELLIS, V. C.; SINO, H. C. A função da brincadeira no desenvolvimento do cérebro social. **American Journal of Play**, v. 2, p. 278–296, 2010.
- PEREIRA, A. C. O impacto do uso excessivo de telas no desenvolvimento infantil: uma abordagem comportamental. **Revista Tópicos**, 2018.
- PEREIRA, R. Brincadeiras digitais e infância: desafios contemporâneos. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, 2018.
- PETRUCCI, G.; BORSA, J. C.; KOLLER, S. H. Família e desenvolvimento socioemocional infantil. **Psicologia: Teoria e Prática**, 2016.
- PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.
- PIAGET, J. **A psicologia da criança**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2022.
- PIAGET, J.; KISHIMOTO, T. M. **O jogo e a educação**. São Paulo: Pioneira, 1996.
- PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PICCININ, C. A importância da qualidade de vida na infância para o desenvolvimento humano. **Revista Humanidades e Educação**, 2012.
- PONTES, F. A. R.; MAGALHÃES, C. M. C. A estrutura da brincadeira e a regulação das relações. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 18, n. 2, p. 213–219, ago. 2002.
- PORTELA, L. O brincar como linguagem da infância. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, 2018.

- PORTUGAL, A. Desenvolvimento infantil: os primeiros anos de vida. **Revista de Educação e Pesquisa em Psicologia**, 2009.
- QUEIROZ, N. L. N. **Brincadeira e desenvolvimento infantil**. Universidade Federal de Minas Gerais, 2003. Publicado em: Brincares. 1. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- ROCHA, E.; BARBOSA, M. C. Infâncias e culturas digitais: modos de viver e aprender na contemporaneidade. **Cadernos de Educação Infantil**, 18(1), 45–63. 2020.
- ROCHA, E.; SILVA, A. M. B. Brincadeira, cultura e educação infantil: práticas e discursos contemporâneos. **Cadernos de Educação Infantil**, 16(2), 45–60. 2020.
- ROCHA, S. M. A revisão da literatura e a construção do referencial teórico. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 52, n. 1, p. 125–128, 1999.
- ROSE, K. K.; ELICKER, J. Parental decision making about child care. **Journal of Family Issues**, 29(9), 1161-1184, 2008.
- ROTHER, E. **Revisão sistemática x revisão narrativa**. Acta Paulista de Enfermagem, v. 20, n. 2, p. v–vi, 2007.
- RYABKOVA, I. A.; SHEINA, E. G. On the play of a child and an actor: to the question of the transformations in experience. **National Psychological Journal**, 18(3), 137-146. 2023.
- SARMENTO, M. J. A reinvenção das infâncias no século XXI: culturas, tecnologias e participação. **Revista Educação & Linguagem**, 24(2), 9–25. 2021.
- SHAH, R. *et. al.* Encouraging Parenting Behaviors That Promote Early Childhood Development Among Caregivers From Low-Income Urban Communities: A Randomized Static Group Comparison Trial of a Primary Care-Based Parenting Program. **Maternal and Child Health Journal**, 23(1), 39-46. (2019).
- SILVA, A.; KRAMER, S. Infância, educação e políticas públicas: desafios contemporâneos. **Educação & Sociedade**, 43(159), 1–18. 2022.
- SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA (SBP). **Saúde de crianças e adolescentes na era digital**. Departamento de Adolescência. São Paulo: SBP, 2019.
- SOUZA, J.; CANTALICE, L. Jogos digitais e aprendizagem infantil. **Revista Brasileira de Educação e Tecnologia**, 2024.
- SOUZA, M. P.; BARON, L. O brincar como constituição da infância: perspectivas históricas e pedagógicas. **Revista Contemporânea de Educação**, 13(28), 389–404. 2018.
- TAVARES, L. *et al.* Desenvolvimento cognitivo na primeira infância: atenção e percepção. **Revista Neuropsicologia e Educação**, 2007.
- VERAKSA, A. *et al.* **The role of play in the development of reflection in preschool children**. Psychology in Russia, 2023.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores** (4ª ed.). São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L. S. **A imaginação e a criatividade na infância**. São Paulo: Ática, 1984.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WAJSKOP, G. **Infância, cultura e brincadeira**. São Paulo: Cortez. 2021.

WHITEBREAD, D.; O'SULLIVAN, L. Preschool children's social pretend play: supporting the development of metacommunication, metacognition and self-regulation. **International Journal of Play**, v. 1, n. 2, p. 197-213, 2012.

ZANLUCHI, F. B. **O brincar e o criar: as relações entre atividade lúdica, desenvolvimento da criatividade e educação**. Londrina: o autor, 2005.